

LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS): PERCEPÇÕES E EXPERIÊNCIAS EM SALA DE AULA NO ENSINO SUPERIOR

Emiliana Faria Rosa

Bianca Ribeiro Pontin

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Carolina Comerlato Sperb

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

O ensino superior remete a uma babel linguística que se integra e ao mesmo tempo se diferencia. São as línguas que movem o processo de ensino-aprendizagem. Portanto, é possível visualizar a língua de sinais nessa contextualização. Esta língua de sinais é uma língua de modalidade visual e gestual, pois a informação linguística é recebida pelos olhos e produzida pelas mãos juntamente com o rosto através de expressões faciais e movimentos do corpo. Possui o mesmo *status* que qualquer língua e, portanto, é uma língua natural.

Há pessoas com deficiência auditiva que desconhecem a língua de sinais, cultura surda, comunidade surda/sinalizante e são conduzidos pela perspectiva clínica. Enquanto há surdos que se reconhecem como sujeitos linguísticos e culturais. Atentando a estas afirmações, pode-se “*citar que todos os surdos são deficientes auditivos, mas nem todos os deficientes auditivos são surdos, o que leva a entender que ser surdo é ser usuário da língua de sinais naturalmente*”. (PONTIN, 2010, p.10)

A Libras é reconhecida e oficializada em 2002 pela lei 10.432, que indica expressão, comunicação entre sujeitos surdos, sinalizantes, intérpretes, professores bilíngues e outros, acerca desses acontecimentos que movem, multiplicam e relativizam. Com isso, surgem regulamentações como o decreto 5.625 de 22 de dezembro de 2005. Essas legislações mobilizaram e são importantes para o reconhecimento da Libras e consequente uso e difusão da mesma, formação de profissionais, acessibilidade, logo, fez com que a Libras seja integrada ao corpo linguístico do ensino superior tanto como língua de uso comunicativo quanto como disciplina curricular.

A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios (BRASIL, 2005, art.3).

Complementando a informação, a disciplina de Libras, além de ser obrigatória nos cursos de licenciatura e fonoaudiologia, também é ensinada nos outros cursos como eletiva, optativa. E há também a inserção da mesma na educação infantil, educação básica e educação profissional.

Com a introdução da disciplina de Libras, houve diferentes recepções para a criação e a obrigatoriedade da mesma para alunos de licenciatura e pedagogia. É isso que este artigo colocará: como a língua de sinais é observada, aprendida e utilizada pelos graduandos que nunca ou em raras vezes tiveram contato com a língua de sinais. Quais reações, observações e análises que se têm quando a questão é o aprendizado de uma língua cujo *status linguístico* foi considerado inferior por falta de reconhecimento e por ser associado a deficiência, e também por não ser divulgada constantemente na mídia.

Há alguns pontos observados e problematizados: a dificuldade da presença de tradutores e intérpretes de língua de sinais devido a nova política de contratação/concurso e falta de reconhecimento da formação dos mesmos de acordo com o cargo de nível superior, material didático em contínua produção, inquietações sobre processo de avaliação dos discentes, conquistas de valorização do papel do professor de Libras, mudanças na universidade em relação a quem é e como interagir com o surdo (sendo este professor ou aluno), entre outros fatores.

Deseja-se assim expor o cotidiano vivido pelo professor de Libras, sua metodologia de ensino em tentativa diária de ensinar aos acadêmicos o respeito e a valorização da língua de sinais, uma vez que serão eles que estarão em contato diário com os alunos surdos nas escolas, universidades e na sociedade. O professor de língua de sinais deve ser visto como qualquer outro professor, capaz de educar, influenciar e estimular seus alunos nas descobertas linguísticas de uma língua naturalmente visuoespacial e motivadora da possibilidade de interagir com o outro e o mundo em que se vive.

Ter a disciplina de Libras nas universidades brasileiras é uma conquista extremamente importante para a comunidade surda. É como algo conquistado arduamente pelos surdos durante anos de luta pela valorização da língua de sinais. Luta que corresponde a um passo no meio de todo caminho percorrido e a ser percorrido. Caminho que não acabou e continua no cotidiano enfrentado e vivido pelo surdo.

O professor com o papel de efetivar a inclusão social e educacional se depara com a questão da avaliação. Como seria a avaliação? Seria só pela parte linguística ou a parte teórica? Como avaliar um aluno com dificuldade motora, com dificuldade de expressão e/ou compreensão pelo fato de a língua de sinais ser de modalidade visuoespacial? Por exemplo, há os que avaliam pela participação e desenvolvimento durante a rotina de aulas, há os que dão provas, outros trabalhos a serem apresentados em forma de seminário para a sociabilização de conhecimentos.

Pensando nessas situações obtemos outros indagamentos: o que colocar no currículo de Libras? Conteúdos? Como e o que ensinar em um semestre? O básico geral ou com foco na área dos cursistas? E as teorias? É preciso lembrar que muitas vezes a sala de aula é composta de alunos de diferentes cursos e não se pode centrar num único curso ou conteúdo.

Não adianta mostrar somente as vivências dos professores sem apontar fatores cotidianos. Algumas situações que ocorre nas universidades de acordo com nossas experiências e observações são: turmas superlotadas, alunos de diferentes cursos numa mesma turma, alunos que não conseguem sinalizar por dificuldade motora ou idade (“fase de maturação vencida”¹⁹⁶), alunos que não memorizam sinais, alunos que possuem dificuldade em aprender a prática da língua de sinais, alunos que não participam das discussões teóricas, alunos que não usam de forma alguma expressão facial, alunos que não participam de aula expositiva por falta de interesse, vontade ou timidez de expor o corpo em movimento...

Como pode observar, existem casos que limitam o desenvolvimento. O aluno deverá ser reprovado? Em alguns casos, em cursos de extensão, capacitação ou mesmo como disciplina curricular de universidade o aluno não poderá ser reprovado, como exemplo os formandos, mesmo tendo baixo aproveitamento em Libras; ou ainda alunos que possuem bom aproveitamento nos aspectos teóricos ou somente na prática da comunicação da língua de sinais.

¹⁹⁶ Quando falamos de “maturação vencida” significa alunos com idade adulta que pode vir ter a dificuldade de armazenar novas informações de outras línguas. Estes alunos possuem dificuldade de aprender a LIBRAS, sinalizá-la ou ainda executar as expressões facio-corporais. Isso porque a maturação linguística no indivíduo “é capaz de assimilar naturalmente as regras e os princípios que regem o *funcionamento dessa língua, dominando-a na forma e no uso ao fim de algum tempo. Esta faculdade pressupõe um suporte físico e estruturas mentais exclusivas da espécie humana*” (PINTO, 2005).

São muitas dúvidas, muitas questões a serem (re) pensadas, exploradas, discutidas, estudadas, problematizadas, ressignificadas. Sobre isso Benedetti fala do ensino de Libras a um curso superior. Podemos citar um curso superior em matemática: como seria o ensino de matemática em língua de sinais?

O professor da disciplina deve identificar o aluno surdo observando as características que apresenta. Demonstrar conhecimentos sobre a metodologia do ensino para o surdo. Comunicar-se com o surdo. Dominar os aspectos linguísticos da Língua Brasileira de Sinais, como a fonologia, a morfologia e a sintaxe além de discutir o papel social da educação inclusiva. (BENEDETTI, 2009)

E a parte teórica deve constar todos os textos possíveis como: história da educação surda, literatura surda, cultura e comunidade surda ou abordar somente a introdução linguística da língua de sinais? Em qualquer ensino de língua, antes do ensino dela, há vários fatores que influenciam e explicam a língua. Para valorizar a parte teórica, é necessário de mais tempo, o que deve ser discutido já que a disciplina de Libras é ensinada num só semestre e não há possibilidade de transmitir todas as informações com qualidade.

Em se tratando da presença da disciplina no currículo acadêmico, a Libras para ser melhor aproveitada pode se dividir e aumentar em três módulos, ao contrário do que apenas um que se tem hoje em muitas universidades.

As aulas de língua de sinais não correspondem somente a prática, sinais soltos ou expressões. A teoria é essencial para que o alunado entenda o motivo de cursar essa disciplina, além de perceber o que a sociedade mostra como ‘verdade absoluta’ e a realidade da comunidade surda. O aluno, a partir de então, se conscientizará da existência e necessidade da Libras no meio acadêmico e sócio-educacional.

Essa aceitação é fundamental para que se tenha desenvolvimento e interação na disciplina tanto no curso de graduação quanto no possível uso da língua de sinais na sociedade. Em se tratando da aceitação do corpo docente, é preciso acima de metodologias ou ensinamentos a compreensão de que a disciplina de Libras se relaciona com o contexto real e diário na sala de aula e da própria sociedade.

O professor deve se preocupar em conversar com alunos, direção da universidade, ou deve só “trabalhar” sem ser compreendido? Acontece também de algumas universidades não disporem ou não contratarem o profissional TILS (tradutor e intérprete de língua de sinais) quando o professor solicita, por questões financeiras e ou burocráticas.

Sem falar também que existe um grupo de professores não fluentes em Libras que dão aula teórica para os alunos e depois convida o outro professor surdo para dar aula prática. Também existe professor de língua de sinais que não são fluentes, que não convivem com a comunidade surda. Atente-se que a convivência com a comunidade surda é fundamental, pois a língua de sinais também tem suas alterações, inovações assim como a língua oral. Quem tem ProLibras (certificação de proficiência em Língua de Sinais para uso e ensino) não quer dizer que seja fluente.

(...) Para que o docente consiga lidar com todos os fatores que se articula em sua prática, tem que estar bem preparado, o que nos conduz a uma problemática recorrente: a formação do educador – que, para alcançar os resultados pretendidos, nunca pode ser dada como concluída. (GOMES, 2003, p. 51)

Sobre o ProLibras tem-se:

Em relação aos exames de proficiência, estes, foram uma medida federal emergencial, adotada pelo Ministério da Educação, para que as instituições de ensino superior se adequassem aos prazos da lei, enquanto os primeiros graduandos em Letras Libras Licenciatura e pós-graduandos em LIBRAS concluíssem seus cursos, uma vez que o primeiro prazo estabelecido pelo Decreto para inclusão da disciplina de LIBRAS, expirou antes da formação desses professores. Ou seja, o prazo mínimo estabelecido para viabilização da inclusão da LIBRAS como disciplina se adiantou ao prazo necessário para formação de profissionais habilitados para essa docência. (SIMPLÍCIO, 2009)

Lembra-se que algumas universidades ao contratar o professor surdo exigem dele ser formado, no mínimo, em pós-graduação ou mestrado. Quando esse item não é atendido (mesmo o professor tendo se formado em Letras/Libras e com anos de experiência como instrutor de Libras capacitado pela FENEIS – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos em convênio com SEESP-MEC), será substituído pelo professor ouvinte, com especialização ou mestrado, obstante lembrar que nem sempre será levado em consideração a proficiência na língua de sinais e o convívio deste profissional com a comunidade surda. Visto isso, o que vale mais?

O que pode ser feito para melhorar as situações é um consenso entre professores de modo que haja uma equivalência do que vai ser ensinado, como e por que. Claro que isso não é fácil, óbvio que não se trata de robotizar o ensino de língua de sinais, mas sim uma ênfase do que é essencial a este ensino. Se o tempo é curto para tanta coisa, é preciso pensar e lecionar conscientemente.

Desafios e necessidades todos se deparam diariamente na sala de aula, o que muda é a forma como são observados, vivenciados e solucionados. Isso porque “*a sala de aula é um ponto de encontro das diferentes histórias, dos diferentes percursos, dos diferentes saberes (...)*” (SMOLKA, 1989, p. 41).

Então fica o conhecimento ou reflexão do que seria o papel do professor de Libras, acredita-se que o governo deve ouvir a voz do povo surdo para que a inclusão se efetive de forma mais harmônica, mais consciente.

É necessário observar que o professor de língua de sinais já em sala de aula vivencia tudo o que foi exposto neste artigo e tenta de todas as formas equilibra-se entre o que possui, o que pretende e o que lhe vem ao encontro. Os referidos professores tendem a criar possibilidades para superar as dificuldades e lecionar uma disciplina que ainda engatinha na universidade.

Referências

- BENEDETTI, Luis Antonio. *A disciplina LIBRAS no currículo do curso de Licenciatura em Matemática*. In: FAMAT em Revista. Uberlândia: UFU, 2009. Disponível em: http://www.portal.famat.ufu.br/sites/famat.ufu.br/files/Anexos/Bookpage/famat_rev_1_3.pdf.
- BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em 10 de maio de 2010.
- BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que regulamenta a Lei nº 10.436. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em 10 de maio de 2010.
- GOMES, Márcia P. R. de Magalhães. *A Importância da Relação Professor- Aluno na Construção do Conhecimento*. In: Espaço: Informativo Técnico- Científico do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Rio de Janeiro: INES, 2003. nº 20 (dez/2003), p.50-4.
- PINTO. Cláudia. Definição de maturação linguística. Disponível em: <http://www.flip.pt/language/en-US/Duvidas-Linguisticas/Duvida-Linguistica/DID/1172.aspx>. Acesso em: julho de 2011.
- PONTIN, Bianca Ribeiro. *Discursos e processos de normalização dos sujeitos surdos através de próteses auditivas nas políticas de governo da atualidade*. Porto Alegre, UFRGS, 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientadora: Adriana da Silva Thoma.

SIMPLÍCIO, Valéria. O professor de libras - língua brasileira de sinais nas séries finais do ensino fundamental, no ensino médio e no ensino superior: formação x habilitação. Publicado em 2009. Disponível em: <http://www.webartigos.com/articles/27832/1/O-PROFESSOR-DE-LIBRAS---LINGUA-BRASILEIRA-DE-SINAIS-NAS-SERIES-FINAIS-DO-ENSINO-FUNDAMENTAL-NO-ENSINO-MEDIO-E-NO-ENSINO-SUPERIOR-FORMACAO-x-HABILITACAO/pagina1.html#ixzz1SZN2rm4a>.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. *O Trabalho Pedagógico na Diversidade (Adversidade?) da Sala de Aula*. In: Cadernos CEDES. São Paulo: Cortez, 1989. n° 23, p.39-47.